

DENTE DE ALHO, GALHO DE ARRUDA...CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES NO FUTEBOL BRASILEIRO

Jocimar Daolio e Claudio Cesar Zoppi

Grupo de Estudos Sobre Aspectos Antropológicos da
Motricidade Humana - Faculdade de Educação Física da UNICAMP

Apenas nos últimos anos começa a haver alguns estudos que consideram o futebol como uma manifestação social, extrapolando a visão de uma modalidade esportiva, com um conjunto de regras, técnicas e táticas. Hoje já é possível falar do futebol como uma expressão cultural brasileira, assim como é o carnaval, o samba, o candomblé e outras práticas.

Algumas investigações têm tentado apontar as causas da popularidade do futebol no Brasil. DAMATA et alli (1982) afirma que o futebol é um veículo para uma série de dramatizações da sociedade brasileira, permitindo a expressão de problemas nacionais. BYINGTON (1982) diz que o futebol contém símbolos que expressam e nutrem a vida psíquica do povo brasileiro. VOGEL (1982) afirma uma relação entre o espetáculo do jogo de futebol e determinados comportamentos rituais da sociedade brasileira. DAOLIO (1989) sugere haver uma relação entre as exigências técnicas do esporte e características sócio-culturais do povo brasileiro. CASTELLANI FILHO (1985) fala do futebol como uma espécie de linguagem ritual.

É interessante notar que uma prática que não nasceu no Brasil tenha conseguido aqui tamanha repercussão, constituindo-se no esporte nacional. É por isso que WITTER (1982) afirma que estudar futebol é estudar o povo brasileiro. A história de um se confunde com a história do outro. Uma história que começa na

bagagem de Charles Muller, um filho da elite brasileira, passando pelos clubes dessa mesma elite, até ser apropriado, na década de 20, pela população em geral. Uma prática que, no início, não permitia a presença de negros e que foi obrigada a ceder diante de craques como Friendenreich, Leônidas da Silva, Domingos da Guia, Didi e Pelé, elegendo este último o seu rei.

Se aceitarmos a premissa de WITTER (1982) de que estudar futebol é estudar o povo brasileiro, temos que ver naquela prática as expressões do homem brasileiro. E uma das formas desse homem nacional se expressar é através de crenças e superstições, buscando muitas vezes explicações sobrenaturais para problemas que ele não consegue entender. Não se trata de discutir a cientificidade de uma determinada crença ou de um certo rito mágico; nem tentar comprovar sua eficiência. O que pretendemos considerar é a força do ato mágico, já que a crença que o sustenta está diretamente relacionada à crença de todo um grupo. Não estamos falando da eficiência de uma determinada crença, rito ou superstição, mas de sua eficácia simbólica, já que estamos tratando de uma dimensão coletiva (MAUSS, 1974).

É importante lembrar que o futebol, desde os seus primórdios no Brasil, sempre apresentou entre os jogadores, torcedores e dirigentes, manifestações de cunho supersticioso. O estudo de LEVINE (1982) lembra da macumba como uma prática que já estava presente no início do futebol profissional brasileiro, na década de 30.

Segundo SHIRTS (1982), não se pode falar em futebol no Brasil sem considerar o aspecto religioso que o envolve, ressaltando o autor que esse aspecto não se resume apenas em orações antes dos jogos, mas num verdadeiro ritual sobrenatural. Segundo o mesmo autor, os fatores sorte/azar perpassam o futebol, apresentando uma visão do mundo, tanto para o jogador como para o torcedor, em que a ordem se explica através do sobrenatural. De

fato, como compreender um time tecnicamente inferior vencer um time superior? Ou, como explicar o fato de um exímio jogador perder um gol feito? Ou, ainda, um time conseguir o gol da vitória no último minuto do jogo.

A partir desse referencial, entrevistamos, ainda num projeto piloto, sete jogadores de uma equipe profissional do Estado de São Paulo, integrante da primeira divisão do futebol brasileiro.

Nas entrevistas, ficou explícita a reação negativa causada entre os jogadores quando referimos ao termo "superstição". Seis jogadores inicialmente negaram possuir superstições. No decorrer da entrevista, entretanto, todos reconheceram algum tipo de prática preparatória para jogos além do treinamento físico e técnico. Entre estas práticas foram citadas: repetir gestos e trajas que proporcionaram sucesso no passado, colocar dente de alho na meia, levar um galho de arruda nos jogos, entrar em campo com o pé direito, ou, simplesmente, rezar, coletiva ou individualmente.

É necessário lembrar também, que os jogadores que dizem rezar, não entendem esse comportamento como supersticioso. Para as finalidades do nosso estudo, entretanto, o comportamento de rezar coloca-se junto com os outros, porque pressupõe uma crença, sem que a qual o jogador não consegue desempenhar adequadamente.

Ora, se todos os jogadores afirmam a necessidade destes ritos, podemos concluir que eles são altamente eficazes no sentido de possuírem um significado simbólico, que é transmitido de geração para geração. Isto explica o fato desses comportamentos persistirem ao longo dos anos, mesmo naqueles times que possuem uma metodologia de treinamento justificada por preceitos científicos.

É pelo fato da sociedade brasileira, através do futebol, deixar transparecer seus desejos, frustrações, alegrias,

tristezas, crenças e mitos, que devemos compreender esta prática como um fenômeno sócio-cultural, que possui raízes na sociedade, e cuja prática é alvo de significações por parte do homem brasileiro.

BIBLIOGRAFIA SUGERIDA

BYINGTON, C. A riqueza simbólica do futebol. Psicologia Atual, 5(25): 20-32, 1982.

CASTELLANI FILHO, L. O fenômeno cultural chamado "futebol" - uma porposta de estudo. Artis, 8(15): 6-9, 1985.

DAMATTA, R. et alii. Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro, Pinakothèque, 1982.

DAOLIO, J. O drama do futebol brasileiro: uma análise sócio-antropológica. Rev.paul.Educ.Fís., 3(5):57-61, 1989.

LEVINE, R.M. Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro. In: MEIHY, J.C.S.B.; WITTER, J.S. Futebol e cultura: coletânea de estudos. São Paulo, Imprensa Oficial, 1982.

MAUSS, M. Sociologia e antropologia. São Paulo, EPU/EDUSP, 1974, vol.1.

SHIRTS, M.G. Futebol no Brasil ou football in Brazil? In: MEIHY, J.C.S.B.; WITTER, J.S.orgs. Futebol e cultura: coletânea de estudos. São Paulo, Imprensa Oficial, 1982.

VOGEL, A. O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DAMATTA, R. et alii. Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro, Pinakothèque, 1982.